

Língua & Preconceito: ‘Presidenta’ ou ‘Presidente’?

By [Edu Montesanti](#)

Global Research, August 24, 2017

Uma das manifestações mais vivas da realidade cultural de uma nação e da identidade do indivíduo, a língua está sempre em transformação de acordo exatamente com as relações sociais, e não com as vontades dos *gramaticoides* de plantão, geralmente instrumentos de opressão linguística que não consideram em seus estudos, excessivamente teóricos, as implicações sociais envolvendo o idioma em questão.

Tal mutação também deu origem a novas línguas ao longo da história. Assim, *vi* em sueco, em norueguês e em dinamarquês (*nós*, em português) deságua em *wir* em alemão, *wij* em holandês e *we* em inglês. *Vogn* em norueguês e em dinamarquês transformou-se em *vagn* em sueco, que equivale a *Wagen* em alemão, *wagon* em inglês, em holandês e em francês (com pronúncias diversas), *vagone* em italiano, *vagonem* romeno, *vagón* em espanhol e em galego, *vagó* em catalão, *bagoi* em basco, *vagão* em português.

Já a modalidade esportiva que hoje é a mais popular do planeta, de *fotball* na Noruega acabou *fotboll* na vizinha Suécia, vindo a ser *voetbal* na Holanda, *fodbold* na vizinha Dinamarca, desceu um pouco mais o mapa do norte europeu para se transformar em *Fußball* na Alemanha, *football* em francês e em inglês que se hispanizou *fútbol* e se aportuguesou sendo simplesmente *futebol*, certamente, no início, gerando inconformismo nos setores mais conservadores das sociedades falantes de língua espanhola e portuguesa por não ser pronunciado como em inglês (algo semelhante a *fuut-ból*), da mesma maneira que *lead* em inglês, referindo-se ao primeiro parágrafo das notícias, virou *lide* em português.

Por sua vez, o idioma chamorro da ilha asiática de Guam, a oeste do Oceano Pacífico, que sofreu colonização espanhola de 1668 até 1898, possui exemplos desse processo linguístico: Bem vindo = Bien binidu (em espanhol, *Bienvenido*); Boa tarde = Buenas tâtdes (esp., *Buenas tardes*); Tchau = Ådios esta (esp. *Adiós*); Boa sorte = Buena suette (esp., *Buena suerte*); Boa viagem = Buen biãhe (esp., *Buen viaje*).

Retrocesso e Discriminação

Opondo-se a esta natural transformação até que se torna impossível resistir por muito tempo, os *gramaticoides* estudam a língua de maneira estática, a gramática pela gramática que se encerra na própria gramática, não tendo a sociedade como referência, autêntico sujeito da história: para eles, a sociedade e a própria história são objeto da gramática. Desta maneira, apregoam, deve-se adequar sua realidade, sua história, seus sentimentos, sua personalidade a ela. Em outras palavras: deve-se se submeter ao que lhe é ditado por seres completamente afastados de sua realidade cultural. No caso do Brasil, escravizado em pleno século XXI pelas regras e pela cultura lusitana que não é a sua, trancafiado neuroticamente em uma, na prática, inexistente [comunidade lusófona internacional](#).

Como a sociedade brasileira é altamente polarizada e discriminadora, em todos os aspectos

(regional, étnico, sexista, de gênero, de classe), tal caráter acaba se refletindo, invariavelmente, em um tipo de fragmentação e de preconceito que permeiam a sociedade ao mesmo tempo que acabam passando despercebidos diante do forte apelo moralista e da reivindicação intelectual que os discriminadores trazem em seu bojo: a discriminação linguística, fortemente opressora.

A polarização, que se evidencia de maneira incontestável nestes efervescentes dias no Brasil, tem atingido inclusive linguistas das mais diversas vertentes, radicalizando cada vez mais ambos os lados. Se por um lado é inegável que a língua bem falada não pode ter como parâmetro a literatura portuguesa do século XIX, que possui peculiaridades regionais (regionalismos) absolutamente necessárias que devem ser preservadas e que, conforme já observado, ela se transforma (evolutivamente, espera-se) como reflexo das mais diversas experiências passadas de geração a geração (este é o conceito de cultura), por outro é inaceitável se justificar a língua mal falada neste quesito.

E exatamente isso tem ocorrido no Brasil: acentuada polarização entre gramaticoides – indivíduos de mentalidade elitista, a qual se transfere para a esquizofrenia linguística – e, digamos assim, os populistas que, no afã de ganhar adeptos na raivosa briga que atinge a classe dos linguistas, apela inclusive para, “quem está defendendo tal ideia linguística são os mesmos golpistas conservadores que saem às ruas hoje contra o povo”, a fim de estigmatizar toda e qualquer divergência (embora exista um grande fundo de verdade nisso, o que será abordado a seguir).

Evidentemente, existe um limite entre regionalismo, entre a realidade cultural de uma comunidade/nação, isto é, aquilo que se configura como perfeitamente aceitável dada a realidade inclusive daquela elite intelectual específica (segurem na cadeira, o “noi fumo” do campo paulista herdado do italiano *noi* = *nós*, por exemplo, tendo como célebre representante Adoniran Barbosa), e determinados atentados que não podem ser tolerados (o secular “tu quês” do estado brasileiro de Santa Catarina, mesmo entre a elite econômica local, por exemplo, ou o “dar *ele* para *eu*”). Este é o motivo de choque entre as vaidades dos linguistas hoje.

‘Presidenta’ ou ‘Presidente’?

O *furor gramatical* dos últimos anos no Brasil tem estado principalmente voltado ao uso de “presidenta” ou “presidente”, desde que Dilma Rousseff ganhou as eleições presidenciais em 2010. Dilma solicitou que lhe fosse aplicado o primeiro caso, suficiente para que uma das elites econômicas, auto-creditada *nata intelectual* das mais ignorantes do globo passasse a se manifestar de maneira tão contrária quanto o forte caráter que os marca: exatamente a ignorância dos fatos que alardeia dominar.

As classes média e alta têm causado grande polêmica sobre isso, que toma conta das faculdades de Letras e de Comunicação Social de péssimo gosto no Brasil – em sua maioria contrários, indignados diante do uso de ‘presidenta’. Trata-se de mais um tema em que simplesmente não há diálogo, mesmo entre estudantes e profissionais da área das letras e da comunicação. Pois trata-se também de mais um preconceito que, contra a “presidenta” Dilma, manifesta-se desde que assumiu o Palácio do Planalto das mais diversas maneiras; na verdade, todas as mulheres em um país, conforme apontado, altamente machista que permeia todos os segmentos da sociedade, da classe D à A.

O que a *nata intelectual* tupiniquim ignora (também) sobre o uso de “presidenta”, é que

esta forma feminina foi aprovada por lei federal número 2749, no ano de 1956. Embora não haja consenso entre linguistas sob alegação de determinados setores de que “presidenta” pertence à classe das palavras comuns de dois gêneros, ambas as formas acabam sendo aceitas, tanto a feminina quanto a masculina. Contudo, no sentido estritamente gramatical, a regra manda aplicar a forma feminina. No idioma espanhol, por exemplo, apenas “presidenta” é admitido para mulheres.

A divergência entre linguistas se dá pela ampla consideração entre eles de que, segundo comunicado através do dicionário *Lexikon*, “substantivos e adjetivos de dois gêneros terminados em -ente não apresentam flexão de gênero terminado em -a”. Por isso, segue o informe, não se utiliza as formas “‘gerenta”, ‘pacienta’, ‘clienta’ etc. Caso fosse ‘presidenta’, por coerência, diríamos ‘a presidenta está contenta’ e ‘o presidente está contento’”.

Ao longo da história, algumas formas masculinas têm encontrado resistência em serem usadas oficialmente no feminino justamente pelo caráter sexista das sociedades globais. Entre a sociedade brasileira, especialmente entre linguistas o termo “engenheira”, utilizado pela primeira vez e aprovado nos idos do século XIX, gerou indignação inicial. Hoje, apenas a forma feminina é aplicada às profissionais da área do sexo feminino.

Se entre linguistas brasileiros o que aparentemente está em discussão são questões técnicas para a flexão do termo, a sociedade não tem pautado a *histeria* com base na consciência gramatical, longe disso: completamente afastada dela, permite que o que é regra, apesar da controvérsia de certos linguistas, seja motivo para polarização recheada do velho ódio discriminatório.

Como nos mais diversos casos atualmente no Brasil, que caminha de mal a pior, nossa elite do *bem-dizer* e do *alto-saber*, nesta questão do uso de “presidenta” ou “presidente”, para não perder o costume tem se fundamentado em letra morta – mas aqui, o que tampouco é exceção, com um *q* de ironia que marca de maneira bastante peculiar tais *caçadores de bruxas*: a mesma gramática à qual agressivamente se apegam (apenas de maneira teórica) para atacar e discriminar, a contradiz.

Também para o bom uso da nossa língua, o brasileiro anda precisando de livros, sim (e urgentemente), mas muito mais que isso: carece do exercício da cidadania que requer sentir o *cheiro* do povo. Isso tudo faz lembrar a ideia de Jesus aos fariseus de sua época, a cúpula religiosa conservadora, parasitária e corrupta: Quanto mais estudam menos sabem, e mais se distanciam de suas causas. Foram os próprios religiosos, mais estudiosos que esperavam pelo Messias, os que mataram Jesus fechados em suas letras mortas, tornados míopes por suas ideias pré-concebidas que produziam intolerância. Tropeçaram fatalmente naquilo que tanto usavam para atacar ao próximo.

Contextualizando tal realidade à brasileira dos tempos atuais, é exatamente nossa elite econômica e *bem educada* nas faculdades, que comercializam diplomas e formam grandes imbecis à sociedade, que estão matando nossa democracia acarretando, no futuro próximo, mais retrocesso cultural. De novo...

Edu Montesanti

www.edumontesanti.skyrock.com

Fonte da imagem : <http://conpoema.org/?p=2253>

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Edu Montesanti](#), Global Research, 2017

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Edu Montesanti](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca
www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca